

---

## APRESENTAÇÃO

A segunda edição do ano de 2012 contém artigos que certamente servirão para o debate público sobre o mundo do trabalho dentro e fora da Geografia. Com 10 artigos e uma resenha, os autores versam sobre assuntos que recobrem questões teóricas relacionadas ao conceito de trabalho, plasticidade do trabalho e de classe trabalhadora, a degradação do trabalho no setor canavieiro, celulose-papel, bem como à saúde do trabalhador, ação de movimentos sociais, preservação ambiental e cooperativismo.

Antonio Thomaz Junior abre essa edição com um texto de fôlego onde pretende discutir a centralidade do trabalho e a constante plasticidade que atinge os trabalhadores, que se refaz continuamente, e apropriadamente o autor denomina de movimento territorial de classe. Está em questão importante chamamento para os pesquisadores que pretendem apreender o movimento de (des)realização do trabalho, com as atenções no tecido social como expressão do sistema metabólico do capital, que a classe trabalhadora está sendo duramente atingida, como vários pesquisadores têm alertado, porém, faz-se urgente considerar o movimento contraditório desse processo que se expressa territorialmente.

Edvânia Angela de Souza Lourenço, destacada intelectual das jovens fileiras de cientistas sociais, nos traz o debate da subordinação do trabalho no setor agroindustrial canavieiro, focando na região de Franca (SP). A autora, a partir de entrevistas semi-estruturadas com trabalhadores e representantes sindicais faz apontamentos sobre a relação trabalho-saúde nesse setor, alertando que os acidentes e doenças relacionados ao trabalho ainda ficam na invisibilidade social.

Maria Joseli Barreto e Antonio Thomaz Junior, apresentam reflexões sobre os impactos territoriais da monocultura da cana-de-açúcar no Pontal do Paranapanema. Com as atenções voltadas para as estratégias expansionistas do capital na região os autores sinalizam para o surgimento de novas disputas intra-capital, bem como, para o já histórico conflito em torno da propriedade da terra na região que é intensificado pela expansão da agroindústria canavieira. A presença dos trabalhadores migrantes e os impactos negativos e positivos avaliados pelos autores, em decorrência da expansão do setor canavieiro, também ocupam as preocupações do artigo.

Luiz Gonzaga Chiavegato Filho e Vera Lucia Navarro, tecem uma crítica importante ao ideário gerencialista e sua racionalidade fundada no taylorismo que tem

impactos significativos na saúde do trabalhador da saúde. Os autores debatem ainda como essa organização do trabalho são consideradas como um importante obstáculo para o desenvolvimento dos serviços da rede pública de saúde no Brasil.

Júlio César Ribeiro, oferece importante reflexão sobre a condensação industrial em torno do setor de papel-celulose na cidade de Três Lagoas (MS) e como esse processo tem modificado a geografia da região, atraindo um grande contingente de trabalhadores. Suas reflexões se dão sobre os impactos no mundo do trabalho e também na subjetividade do trabalho através das organizações políticas dos trabalhadores que tem na visão do autor cada vez mais se rivalizado entre si, sendo que ele tece uma crítica importante à ação sindical exclusiva por dentro do *status quo* oficiado.

Ana Michelle Ferreira Tadeu dos Santos e Francilane Eulália de Souza, tratam da superexploração do trabalho no setor canavieiro no município de Itaberaí (GO). A pesquisa permitiu as autoras entender que se pelo lado do capital o açúcar e álcool são doces quando focadas em entender a situação dos trabalhadores se depararam com péssimas condições de trabalho marcadas pela superexploração, o que na visão das autoras são amargas aos trabalhadores, daí o interessante título do artigo “Cana doce, trabalho amargo”.

Marcos Antonio de Souza, busca compreender quais as principais estratégias espaciais do setor canavieiro desenvolvidas no Norte do Paraná. Para tanto, o autor parte da premissa de que o território não é mera localização, mas para ele é essencial entender que há o exercício do controle sob os elementos necessários para que haja a gestão do território pelo capital, como a subordinação da terra, força de trabalho e os recursos naturais. Assim, Marcos aponta que a superexploração do trabalho, a concentração fundiária, o aniquilamento dos usos anteriores dados ao solo tomado pelos canaviais, são estratégias fundamentais para a gestão territorial do capital sucroalcooleiro no Norte do Paraná.

Marilucia Ben e Marli Terezinha Szumilo Schlosser, apresentam reflexões acerca da territorialização do cooperativismo no Oeste do Paraná, com as atenções voltadas ao percurso da Cooperativa Agroindustrial Lar de Missal (PR). O debate das autoras está em torno dos atores que compõe o cenário da modernização da agricultura na região onde destacam a ação governamental, as empresas colonizadoras e a religião católica. A mudança nos princípios do cooperativismo transformando essas em empresas capitalistas e nas propriedades rurais introduzindo atividades voltadas ao agronegócio produz mudanças significativas no modo de vida dos camponeses, o que leva as autoras a entender que a

cooperativa foi a grande mediadora da introdução do agronegócio no campo promovendo a territorialização do capitalismo.

Marcelo Dornelis Carvalho e Márcio Alexandre Portz, tratam sobre a preservação ambiental praticada pelos camponeses da comunidade Serrinha em São José das Palmeiras (PR). Com o enfoque voltado no modo de vida camponês (voltado para o trabalho familiar e produção de alimentos), os autores ponderam que a existência dos camponeses é essencial para a continuação da biodiversidade natural dos ecossistemas, e sustentam que é fundamental assegurar o modo de vida camponês enquanto uma alternativa a degradação operada pelo capitalismo.

Sandra Regina Evangelista Araújo e Atamis Antonio Foschiera, trabalham com a questão quilombola e as contradições entre a legislação e sua aplicação prática focando na Comunidade Mimoso do Kalunga que se localiza no município de Arraias (TO). Para os autores há contradições entre o que é previsto em lei no que se refere aos quilombolas e a sua aplicação prática sendo que em muitas comunidades quilombolas (incluindo a estudada), ainda se faz presente a fome, miséria, analfabetismo, conflitos por terra, expropriações provocadas por fazendeiros, colocando em risco os saberes e a cultura dos quilombolas. Ainda, argumentam que na comunidade estudada é pouco avançada a mobilização sendo que essa é necessária a participação dos sujeitos sociais na luta pela efetivação dos direitos outorgados aos excluídos.

Por fim, Rafael Rossi apresenta uma resenha crítica sobre o livro Dicionário de Educação do Campo publicado pela editora Expressão Popular neste ano. O autor considera essa obra um referencial para as análises que pretendem entender de maneira mais ampla a luta pela educação, inserida na luta pela terra.

Sendo assim, esperamos que nossos leitores e interlocutores se sintam instigados e provocados pelo debate suscitado pelos textos apresentados e que estes sejam importantes canais de reflexão crítica para a construção coletiva de uma sociedade emancipada do capital.

**Boa leitura!**

**Os Editores**